

Não sei como irá ser a Igreja do futuro. Só sei como a sonho. Se ainda houver espaço para um sonho histórico-teológico, aqui vos fica o meu. Convido as pessoas e as comunidades a ler estas linhas, e a sonharem juntamente comigo, para que, talvez um dia, todos possamos sonhar o mesmo sonho.



## a Igreja do Futuro

**AS IGREJAS LOCAIS** A Igreja do futuro será a do passado, aquela que o concílio Vaticano II deixou entrever: uma comunidade de comunidades. A Igreja será, antes de mais nada, a Igreja local. Quando pensarmos na Igreja, a imagem que surgirá perante nós, já não será a de uma pirâmide, mas sim a de reunião. *Koinonia-Comunhão*, será o nome que passará a ostentar.

Nessa altura, já terão deixado de existir os bispos castrenses – escandaloso resqúicio das cruzadas – bem como as prelaturas pessoais.

Não haverá, na Igreja, nenhuma outra dignidade, para além da de se ser batizado, e o único elo de ligação será o de pertença a uma comunidade. É que, a Igreja do futuro, terá compreendido, que o sonho de comunhão do Vaticano II, só se tornará possível, se cada Igreja local for, por sua vez, ela própria, uma comunidade de comunidades. E, independentemente dos nomes que estas comunidades possam ter, é evidente que a Igreja é aquilo que faz, e aquilo que ela faz, é criar comunidades, no local onde se encontre. Só na comunidade pode ter lugar a *Teo-fania*, pois só nela se pode manifestar um Deus que, no mais profundo da sua essência, não é uma soledade imóvel, mas antes, a comunhão de um Pai com um Filho, na dinâmica do Espírito. É por isso que a Igreja nunca cessará de acalentar, no decurso da história dos seres humanos, a utopia da fraternidade, de que nos fala todo o Novo Testamento.

**O BISPO DE ROMA** Na Igreja do futuro, virá um dia, em que todos se darão conta, de que a cúria romana não tem, afinal, sustentação teológica. Nessa altura, acabarão os dicastérios, as secretarias e as comissões pontifícias. “A guarda suíça” passará a ser o nome de uma chocolataria, e a carreira diplomática da Santa Sé, será considerada uma aberração tão grande, ou maior ainda, que a inquisição ou as cruzadas.

Deixará de haver príncipes da Igreja e capelães de sua santidade. O papa abandonará os seus aposentos apostólicos, e retirar-se-á para São João de Latrão. A basílica de São Pedro será o templo de toda a gente, e o património artístico do Vaticano, passará para as mãos da Unesco.

O papa será, mais do que nunca, o bispo de Roma. Encarregar-se-á, como todos os outros bispos, dos problemas da sua diocese, que orientará continuamente, sem recorrer ao papamóvel, lembrado do que dizia Santo Inácio de Antioquia, no século II: é o bispo da igreja local que **“*preside às outras na caridade*”**.

De vez em quando, reunirá com os outros bispos, que o visitarão espontaneamente, sem agenda nem protocolos. De vez em quando, ocupará o seu lugar no Conselho Mundial das Igrejas. E quando o bispo de Roma morrer, tal como sucederá com todos os outros bispos, as comunidades da sua diocese, através dos presbíteros, e com o consentimento dos restantes bispos da região, elegerão o seu sucessor, que não deverá mudar de nome, nem acrescentar-lhe qualquer número.

## **AS IGREJAS IRMÃS**

Na Igreja do futuro, deixará de falar-se de ecumenismo. Porque já não será necessário. As diversas igrejas terão aceitado as suas diferenças, e conviverão entre si, num ambiente de respeito mútuo, de diálogo profundo e de compromisso comum. Deixarão de disputar entre si as pessoas, como se do produto de um saque se tratasse, e darão testemunho da unidade na diferença.

Deixará de haver comissões teológicas para concertar posições, uma vez que já não haverá posições a concertar. Reunir-se-ão para celebrar o pão da Palavra e da Eucaristia, orando a Deus em conjunto “para que todos sejam um” (Jo 17,3). Darão testemunho de Cristo, inseridos na vida e no sofrimento dos mais pequenos.

## **OS MINISTÉRIOS**

Nessa Igreja do futuro, comunidade de comunidades, toda ela batismal, existirá uma pluralidade de ministérios na unidade da fé, da esperança e do amor. Cairão por terra, finalmente, o muro e o patamar que separavam o clero dos leigos. A Igreja tornar-se-á, toda ela, povo de Deus. E sê-lo-á realmente, em cada um dos seus membros.

Compreender-se-á, finalmente, a necessidade e importância de, no sacerdócio, distinguir entre carisma do celibato e ministério. E, tal como sucede hoje em dia na Igreja que está no Oriente, passará a haver sacerdotes casados e sacerdotes celibatários. A sua formação deixará de ser feita no isolamento dos claustros, e passará a fazer-se no meio da vida da sociedade e das comunidades. E, tal como Paulo, trabalharão para ganhar o seu pão. O diaconado mostrará à Igreja que, toda ela, exerce na terra o ministério de diácono, isto é, de servidora. E este ministério, o primeiro que a Igreja atribuiu a si mesma, passará a ser o mais desejado pelos cristãos. Os teólogos passarão a ensinar, tendo em conta, apenas, o seu compromisso com as comunidades, sem qualquer outro condicionalismo, abandonando o modelo, ainda vigente, do teólogo medieval, o modelo “escolástico”, e regressando ao modelo da igreja dos primeiros séculos, o do “teólogo-pastor”.

A catequese, a liturgia, a leitura da Bíblia, a espiritualidade e as diversas formas de piedade popular, darão lugar a uma grande variedade de ministérios, surgidos no seio das comunidades, para o serviço das massas.

## **A MULHER**

Nessa Igreja ministerial, as mulheres terão um lugar novo e destacado. Sairão da sombra a que as tinham confinado, tantos séculos de machismo, e de leitura masculinizante dos textos cristãos.

Deixará de haver distinção de sexos nos ministérios, até mesmo no ministério sacerdotal. Ninguém mais poderá voltar a afirmar que “a mulher não pode ser sinal pessoal de Cristo, pois Cristo foi varão”, como se a graça de Deus fosse sexuada, e só se tornasse compreensível a partir do género masculino.

Porque, na Igreja do futuro, Deus será celebrado como o Pai misericordioso, que nos prepara a festa do reencontro e o perdão, mas também como a Mãe que nos abraça com amor entranhado no seu regaço. Após tantos séculos de sexismo e capelanocracia, a Igreja do futuro será profundamente comunitária, ministerial e feminina.

**A BÍBLIA** Na Igreja do futuro, há de recordar-se o Concílio Vaticano II, como aquele que devolveu a Bíblia ao povo de Deus. E entre o povo, ela fez o seu percurso. A sua leitura no seio das comunidades, levou à descoberta de novos sentidos, que nela permaneciam, à espera da sua hora. Ela alimentou a oração e o compromisso. O povo aprendeu a ler-se nas suas palavras, e a reler-se na história que ela nos relata.

Nela, os crentes reencontraram aquele Deus misericordioso, que atravessa todas as suas páginas: desde o Deus que escutou o clamor do sangue de Abel, até ao que, no fim da história, enxugará todas as lágrimas dos nossos olhos. Nela, redescobriram o drama de Jesus de Nazaré, o profeta itinerante que não tinha onde apoiar a cabeça, mas que ofereceu o seu peito, para que o discípulo amado, pudesse nele apoiar a sua. Aquele que glorificou o Deus que revelou os seus segredos aos pequenos e simples, os pobres com quem se identificou, a ponto de partilhar a sua sorte.

Na Igreja do futuro, o povo de Deus, comunidade de comunidades, com a Bíblia nas mãos, saberá tornar-se, ele próprio, um livro aberto, no qual Deus continue a ser contado aos seres humanos, num relato pleno de vida, amor e misericórdia.

**OS POBRES** A Igreja do futuro sentirá, por experiência, que é na sua aproximação aos pobres que se baseará toda a sua credibilidade e autenticidade. E que só deste modo ela poderá ser, como pretendia João XXIII, ao convocar o Concílio Vaticano II, “a Igreja dos pobres”:

***“Para os países subdesenvolvidos, a Igreja apresenta-se como é e como pretende ser, como a Igreja de todos, em particular como a Igreja dos pobres”*** (João XXIII, Radiomensagem de 11 de setembro, de 1962, *Ecclesia Christi* 3). “O mistério de Cristo na Igreja é sempre, mas especialmente hoje, o mistério de Cristo nos pobres, já que a Igreja, como disse o Santo Padre João XXIII, é a Igreja de todos, mas, especialmente, a ‘Igreja dos pobres’” (Cardeal Lercaro, intervenção de 6 de dezembro, de 1962).

A teologia da libertação será recordada, como a expressão daquela Igreja que melhor compreendeu as insinuações do Espírito que, aqui e ali, salpicam o texto conciliar:

“Cristo foi enviado pelo Pai a evangelizar os pobres e a erguer os oprimidos, para buscar e salvar o que estava perdido; deste modo, também a Igreja abraça com o seu amor, todos os afligidos pela debilidade humana; mais

ainda, ela reconhece nos pobres e nos que padecem à imagem do seu fundador pobre e sofredor, esforça-se por remediar as suas necessidades e procura servir neles a Cristo.”(Concílio Vaticano II, *Lumen gentium* 8).

“Os gozos e as esperanças, as tristezas e as angústias dos seres humanos do nosso tempo, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são os gozos e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo.” (Concílio Vaticano II, *Gaudium et spes* 1).

E nunca mais a Igreja estará do lado dos pobres. Nunca se sentirá “mediadora” nos conflitos que envolvam os mais desprotegidos, pois passará a estar a seu lado. Por fim, encarará a sua missão como a do bom samaritano, tornando-se sinal visível do Deus que, em seu regaço, consolará toda a dor da história, do Deus cuja misericórdia é, porventura, a única perfeição possível de ser imitada. A partir do seu lugar junto dos pobres, a Igreja celebrará, espontaneamente, e sem precisar de causas nem de processos, os santos e os mártires dos deserdados, como Angelelli, Romero e Proaño. E lutará, com todas as suas forças, contra a pobreza e a opressão.

A Igreja será, ela própria, dos pobres que, como quem toma posse de uma casa, procurarão acomodar todas as coisas a seu gosto. A Igreja, portanto, será ela própria pobre, não em resultado de um “voto”, mas como natural consequência da sua conversão.

## **OS DIREITOS HUMANOS**

Firme na sua fidelidade aos pobres, a Igreja do futuro, quererá apoiar o empenho dos homens de boa vontade, na luta pelos direitos humanos, em nome daquele Deus que, como nos diz São Tiago na sua carta, não faz aceção de pessoas porque, como dizia Paulo, em Cristo Jesus já não há nem judeu nem grego, nem escravo nem cidadão livre, nem homem nem mulher...

A Igreja passará a poder dar a cara na defesa dos outros, uma vez que, no seu próprio seio, todos irão ver respeitados os seus direitos: respeitará a liberdade de consciência dos crentes, nos mais variados temas e circunstâncias, encarando com toda a seriedade, o facto da consciência ser o “santo dos santos”, onde Deus se manifesta em cada ser humano (Concílio Vaticano II, *Gaudium et spes* 16).

Em nome do que veio trazer-nos a possibilidade de nos tornarmos livres, a Igreja abandonará a posição de defesa do seu lugar e dos seus privilégios, e tornar-se-á a serva de todos, e testemunho da vida, em qualquer local onde ela se manifeste. Já não encerrará as suas portas a Raquel que chora os seus filhos, mas ela própria estenderá um lenço branco sobre a sua cabeça. Já não fechará a porta a ninguém, pois a sua casa, antecipação da pátria definitiva, será a casa de todos.

**A IGREJA, ESPAÇO ABERTO AO FUTURO** Ao despertar do meu sonho, deparo com este texto, escrito, há já alguns anos, pelo cardeal Roger Etchegaray:

“... a Igreja é capaz de descobrir as pegadas do Evangelho no peregrinar das pessoas e dos povos. Mas, quanto mais ela se adapta ao mundo, mais deve deixar transparecer o seu aspeto original. O homem moderno, frequentemente dececionado e atraído pelas suas próprias obras, espera muito da Igreja, muito mais do que ele próprio confessa ou até pensa. A Igreja não tem de seduzir a sua clientela; ela sabe, à partida, que o mundo a superará em todos os campos. Perante os gigantescos desafios deste mundo, a Igreja é como o pequeno David face a Golias. O que é que ela possui que o mundo não possa alcançar por si mesmo? O que é que ela é que o mundo não possa inventar? A Igreja não tem resposta para todas as interrogações, mas apela a que todos vão mais longe, até aos limites do humano. Não traça um caminho exclusivamente seu, mas abre um espaço cada vez maior, capaz de ir para além do ano 2000. Não oferece nem ouro nem prata, mas, em nome de Jesus Cristo, diz: “levanta-te e anda”. Oferece, simplesmente, o encontro com o Ressuscitado, com Aquele que desperta em nós e, ao mesmo tempo, também sacia, uma fome de justiça mais profunda que a dos seres humanos. Uma Igreja que ensinasse às pessoas, apenas aquilo que elas podem aprender por si mesmas, depressa se tornaria uma Igreja insignificante, sem interesse, não seria Igreja. Feliz Igreja da era nuclear, cujos alforjes se encontram cheios, apenas, de pedrinhas polidas pela torrente do Espírito! Todos os salvamentos deste mundo, por mais necessários que sejam, nunca constituirão uma salvação. E essa salvação, por débil e irrisória que possa parecer, é a única que pode salvar, verdadeiramente, o ser humano, toda a humanidade. Eis aqui a única ‘força do Evangelho’” (*“A Doutrina Social da Igreja”* em *Crece* 35 (1990) 6).

Ao fim e ao cabo, talvez não sejamos assim tão poucos. Ao fim e ao cabo, este sonho, sob diversas formas, já começou a ser sonhado por muita gente. Paradoxalmente, para alcançarmos esta Igreja sonhada por nós, teremos de nos manter atentos e em vigília do Espírito, vigília da mística e do compromisso, do cântico e da libertação, da gratuidade e da justiça, aquela que, como o leitor atento se terá dado conta, já começou a dar frutos entre nós.

**ÓSCAR A. CAMPANA**

<http://servicioskoinonia.org/logos/articulo.php?num=128>

# CARTA DO PAPA FRANCISCO PARA O EVENTO "ECONOMY OF FRANCESCO" [ASSIS, 26-28 DE MARÇO DE 2020]

*Aos jovens economistas empresários e empresárias do mundo inteiro*

*Estimados amigos!*

Escrevo-vos a fim de vos convidar para uma iniciativa que desejei muito: um evento que me permita encontrar-me com quantos estão a formar-se e começam a estudar e a pôr em prática uma economia diferente, que faz viver e não mata, inclui e não exclui, humaniza e não desumaniza, cuida da criação e não a devasta. Um acontecimento que nos ajude a estar unidos, a conhecer-nos uns aos outros, e que nos leve a estabelecer um "pacto" para mudar a economia atual e atribuir uma alma à economia de amanhã.

Sim, é necessário "re-animar" a economia! E qual cidade é mais idónea para isto do que Assis, que desde há séculos é símbolo e mensagem de um humanismo da fraternidade? Se São João Paulo II a escolheu como ícone de uma cultura de paz, para mim parece ser também um lugar inspirador de uma nova economia. Com efeito, ali Francisco despojou-se de toda a mundanidade para escolher Deus como Estrela polar da sua vida, fazendo-se pobre com os pobres, irmão universal. Da sua escolha de pobreza brotou também uma visão da economia que permanece extremamente atual. Ela pode dar esperança ao nosso amanhã, não apenas em benefício dos mais pobres, mas da humanidade inteira. Aliás, ela é necessária para o destino de todo o planeta, a nossa casa comum, «a nossa irmã Terra Mãe», como Francisco a chama no seu *Cântico do Irmão Sol*.

Na Carta Encíclica *Laudato si'* ressaltai que hoje, mais do que nunca, tudo está intimamente ligado e a salvaguarda do meio ambiente não pode ser separada da justiça em relação aos pobres, nem da solução dos problemas estruturais da economia mundial. Por conseguinte, é preciso corrigir os modelos

de crescimento incapazes de garantir o respeito pelo meio ambiente, o acolhimento da vida, o cuidado da família, e equidade social, a dignidade dos trabalhadores e os direitos das gerações vindouras. Infelizmente, ainda não foi ouvido o apelo a tomar consciência acerca da gravidade dos problemas e sobretudo a pôr em prática um modelo económico novo, fruto de uma cultura da comunhão, baseado na fraternidade e na equidade.

Francisco de Assis é o exemplo por excelência da atenção aos frágeis e a uma ecologia integral. Vêm-me à mente as palavras que lhe foram dirigidas pelo Crucificado, na igreja de São Damião: «Francisco, vai e repara a minha casa que, como vês, está em ruínas». Aquela casa a reparar diz respeito a todos nós. Refere-se à Igreja, à sociedade, ao coração de cada um de nós. Diz respeito cada vez mais também ao meio ambiente, que tem urgente necessidade de uma economia saudável e de um desenvolvimento sustentável que cure as suas feridas e lhe garanta um futuro digno.

Perante esta urgência, todos, absolutamente todos nós somos chamados a rever os nossos esquemas mentais e morais, para que estejam mais em conformidade com os mandamentos de Deus e com as

exigências do bem comum. Mas pensei em convidar de modo especial a *vós jovens* porque, com o vosso desejo de um porvir bom e jubiloso, já sois a profecia de uma economia atenta à pessoa e ao meio ambiente.

Caríssimos jovens, bem sei que sois capazes de ouvir com o coração os brados cada vez mais angustiantes da terra e dos seus pobres em busca de ajuda e de *responsabilidade*, ou seja, de alguém que “responda” e não olhe para o outro lado. Se ouvirdes o vosso coração, sentir-vos-eis portadores de uma cultura corajosa e não tereis medo de arriscar, nem de vos comprometer na construção de uma sociedade renovada. Jesus Ressuscitado é a nossa força! Como eu vos disse no Panamá e escrevi na Exortação Apostólica pós-sinodal *Christus vivit*: «Por favor, não deixeis para outros o ser protagonista da mudança! Vós sois aqueles que detêm o futuro! Através de vós, entra o futuro no mundo. Também a vós, eu peço para serdes protagonistas desta mudança. [...] Peço-vos para serdes construtores do futuro, trabalhai por um mundo melhor» (n. 174).

As vossas universidades, as vossas empresas, as vossas organizações são canteiros de esperança para construir outras modalidades de entender a economia e o progresso, para combater a cultura do descarte, para dar voz a quantos não a têm, para propor novos estilos de vida. Enquanto o nosso sistema económico-social ainda produzir uma só vítima, e enquanto houver uma só pessoa descartada, não poderá haver a festa da fraternidade universal.

É por isso que desejo encontrar-me convosco em Assis: para promover juntos, através de um “*pacto*” comum, um processo de mudança global que veja em comunhão de intenções não apenas quantos têm o dom da fé, mas todos os homens de boa vontade, para além das diferenças de credo e de nacionalidade, unidos por um ideal de fraternidade atento acima de tudo aos pobres e aos excluídos. Convido cada um de vós a ser protagonista deste pacto, assumindo um compromisso individual e coletivo para

cultivarmos juntos o sinal de um novo humanismo que corresponda às expectativas do homem e 2ao desígnio de Deus.

O título deste evento — “*Economy of Francesco*” — refere-se claramente ao Santo de Assis e ao Evangelho que ele viveu em total coerência, inclusive nos planos económico e social. Ele oferece-nos um ideal e, de certa maneira, um programa. Para mim, que escolhi o seu nome, é contínua fonte de inspiração.

Juntamente convosco, e através de vós, apelarei a alguns dos melhores estudiosos e estudiosas da ciência da economia, assim como a empresários e empresárias que hoje já se encontram engajados a nível mundial, em prol de uma economia coerente com este cenário ideal. Estou confiante de que eles hão de responder. E confio sobretudo em vós, jovens, que sois capazes de sonhar e estais prontos para construir, com a ajuda de Deus, um mundo mais justo e melhor.

O encontro está marcado para os dias 26-28 de março de 2020. Juntamente com o Bispo de Assis, cujo predecessor Guido, há oito séculos, recebeu na sua casa o jovem Francisco no gesto profético do seu despojamento, também eu espero receber-vos. Espero por vós e desde já saúdo-vos e abençoo-vos. E, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim!

Vaticano, 1 de maio de 2019

Memória de São José Operário.

*Francisco*, Papa